

BARCELLOS

LARCHER MARÇAL

Director

Patriótica, Sportiva e Recreativa

REVISTA

Proprietario-Administrador—A. CARDOSO

Redacção e administração — R. D. ANTONIO BARROSO, 22

ASSIGNATURAS

Barcellos, série de 2 numeros—100 réis ;
Fóra de Barcellos, série de 12 numeros —
700 réis ; Numero avulso—50 réis.

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO

Typographia Minerva—Rua de Santo Antonio

FAMALICÃO

Duas palavras

Ao publicarmos esta folha illustrada, alegra-nos o espirito a ideia, que a publicação de qualquer jornal, representa sempre mais um passo dado pela imprensa na senda do progresso.

Está perfeitamente demonstrado, o papel civilizador, educativo e instructivo da imprensa; pois é pelo seu systema e orientação, que no momento actual, se pôde conhecer o estado civilizador e progressivo de um povo.

Temos um exemplo bem frisante no Japão, onde ainda ha trinta annos existiam só duas ou tres folhas, mal impressas e redigidas, e consequentemente os grandes elementos civilisadores eram ahi mal recebidos. São decorridos annos, o Japão conta hoje milhares de publicações de todos os

generos, e dá lições aos povos occidentaes.

A China começa agora a alvorecer, a imprensa está ainda no estado embrionario, resumindo-se a algumas folhas de ideias bastante avançadas; mas que já tem dado os efeitos que de perto conhecemos.

N'esta ordem de ideias saudamos a imprensa em geral e em particular a imprensa local.

Declaramos desde já que nos não levam ideias politicas de nenhuma especie; somos perfeitamente independentes, desejamos o bem estar e os progressos de Barcellos, como os seus mais dedicados filhos.

Estão fóra do alcance d'esta *Revista* todas as questões pessoases, seguindo nós á risca, o nosso programma scientifico, recreativo e sportivo; contando para isso em uma collaboração quasi genuinamente barcellense e que muito nos honra.

A Redacção.

NOTAS Á PRESSA

A falsificação

TENHO deante de mim uma torre Eiffel de dictionarios, desde o velho Moraes até o moderno Candido de Figueiredo. Folheio-os e torno a folhea-los; busco e rebusco, e nada de descobrir o termo de que preciso.

E todavia não trato de escrever uma carta adocicada e enfeitçante a qualquer menina com papá rico. Todo este trabalho fem por fim, muito simplesmente, fazer justiça a um homem que sabe pegar

na penna, fazendo boa prosa e produzindo boa poesia.

Vou chamar-lhe *distincto* escriptor mas lembro-me de que as gazetas já brindaram com este adjectivo um pateta que deu á grammatica mais torturas do que os judeus a Christo. Occorre-me a qualificar-lo de *inspirado* poeta mas vem-me á memoria que este adjectivo já enfeitou o auctor dos *Sulços Astracs*, deshonra da letra redonda, que um menino tombado do morno regaço da ama se atreveu a apresentar como verso, quando nem como prosa deixaria de merecer palmatoria.

Resolvo ainda uma vez a adjectiva-

ção armazenada no meu pobre cérebro; examino um a um todos os qualificativos traduzindo os dotes mais nobres do espirito humano, e não posso conter uma praga que vem explodir-me nos labios como protesto contra uma sociedade imbecil, hypocrita e perversa que, depois de corromper os homens e as coisas, poz as ideias tão falsificadas como o vinho barato da mais hedionda taberna.

Decididamente, arrebatá-nos a vertigem da falsificação. E ha um verdadeiro contagio.

Tudo em nossos dias está horrivelmente falsificado: as ancas appetitas das condessas lazeiras e o character austero dos honrados commerciantes; as celebridades astísticas e as afamadas marcas de vinho; as sedas luxuosas e as virtudes adoraveis; a predicas evangelicas e as farinhas substanciosas; os elixires milagrosos e as imponentes theorias religiosas. E' a sociedade «Bera».

Se analysarmos bem os augustos altares, ficaremos assombrados ao reconhecer que o proprio Deus, o omnipotente Senhor que ergue o seu throno refulgente acima das estrellas, governando como um bom rei sem constituições, sem parlamentos, foi falsificado. Falsificaram-no os padres.

A paginas 6 da Biblia, como diria o espirito sublime de Eça, Jehovah puniu Caim por matar o irmão. E já antes tinha castigado severamente Adão e Eva pelo furto d'uma tentadora maçã. Hoje, qualquer sujeito que amontoou abundantes cabedaes sugando dotes a orphãs, roubando viuvas, bebendo o suor e o sangue dos operarios, morre *benemerito* sem ouvir a voz trovejante de Deus, se deixou alguns centos de mil réis á igreja da sua freguezia. As irmandades, de cruz alçada, acompanham os despojos do *honesto* cidadão, cuja alma, por entre desafinada e lugubre cantoria, vae occupar um commodo assento muito chegado da divina magestade.

Depois d'isto, que admira que estejam falsificados os adjectivos?

Mas a verdade exige a justa significação das palavras. Cumpre-nos, portanto, inventar um vocabulario novo para os characteres onde ainda ha nobreza, para os espiritos onde brilha ainda a faisca do genio.

E se ha ahi alguém com forças para esta tarefa de justiça, mãos á obra, porque, se não apressa o seu trabalho, quando elle surgir será inutil: a nobreza e o genio vão entrar na existencia dos fosses.

Porto.

J. VIEIRA.



PERFIS MASCULINOS

Typo moreno, bonito,
Veste á moda actualmente;
Pois já foi algo exquisito!
Fez até rir muita gente!

Entre as nove e nove e meia,
Eil-o que passa apressado
P'ras *buscas*; mas se passeia
E' d'um vagar bem notado!

Namora como ninguém,
E facilmente conquista!
Vestindo um fato que tem
Fica um perfeito fadista!

E', discutindo, exaltado,
E tem scenas impagaveis;
Mas, com brandura tratado
Desfaz-se em phrases amaveis!

E', no tocante a franqueza,
Liberal, — sem ser franquista—
E já teve a gran surpresa
De um voto p'ra camarista!

Vive só e retirado,
Possue propriedades,
Nem viuvo, nem casado,
Novo, . . . boas qualidades.

DOIS AMIGOS.

HISTÓRIA

Briosas tradições do municipio
barcellense

Foi em 1636. Estavamos, pois, sob o jugo de ferro da execranda dominação de Castella.

Ao governo de Portugal presidia já, como representante do intruso Philippe III, sua prima Margarida d'Austria, duqueza de Mantua, sendo secretario de estado Miguel de Vasconcellos e Brito — o mais servil adulator do fanfarrão conde—duque de Olivarez.

Era então enorme o descontentamento dos portuguezes.

Os fidalgos castelhanos que acompanharam para Portugal a vice-rainha, apossavam-se dos principaes logares publicos para mais efficazmente dominarem a pobre nação escravizada. E, pelo contrario, os portuguezes de maior valor, aquelles que pelo seu acendrado patriotismo menos confiança mereciam a Castella, eram, por esse mesmo facto, afastados de Portugal: uns chamados a

Madrid e ahí demorados com os mais futeis pretextos; outros mandados para as guerras que então sustentavamos na Africa, Asia e America.

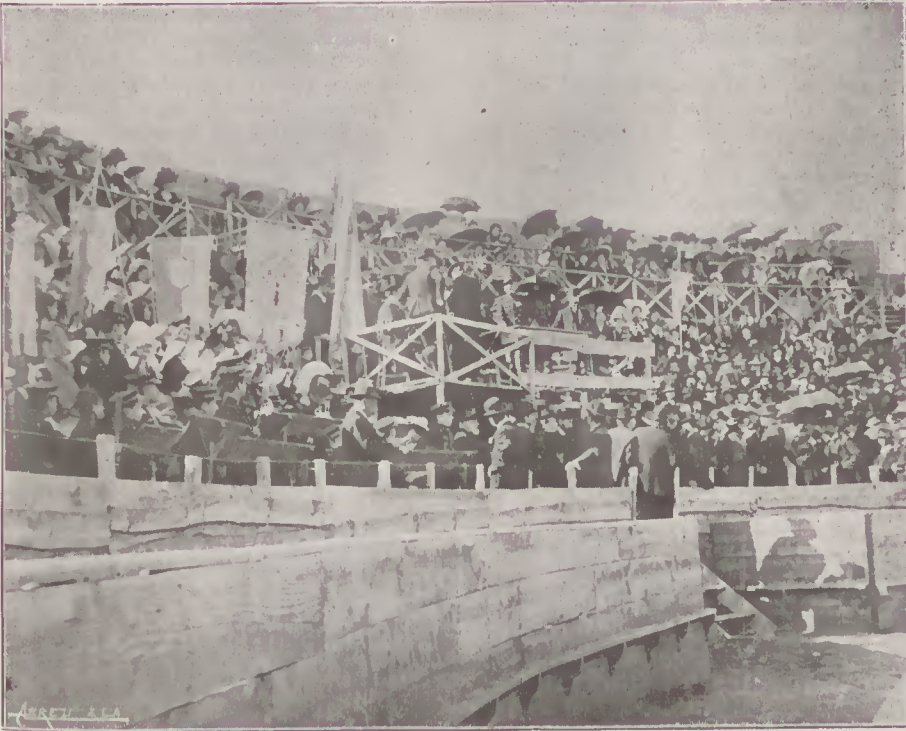
O nosso dominio ultramarino desaparecia diante da rapacidade insaciavel de hollandezes e inglezes. E, como se isto não fôra bastante, os vexames fiscaes eram de tal modo exorbitantes, que Portugal começava a sentir-se pobre.

As coisas haviam chegado a tal apuro, que até ao clero se impoz a taxa de meio tostão por missa! Parecia — como se dizia então — que os conselheiros do rei

pesadissimas, creando impostos novos, como o real d'agua, o do sal, o augmento da quarta parte nas sizas e outros.

Tanto bastou para que o povo, cansado já de tantas iniquidades e extorsões, começasse a despertar do longo lethargo em que jazia.

Auxiliado pelos magistrados que não se haviam ainda bandeado com Castella, oppôz certa resistencia ao pagamento d'esses impostos. Em varios pontos do paiz, surgiram sublevações, algumas das quaes, como a de Evora, de tal importancia e gravidade, que bem claramente



Festa da Arvore — ASPECTO DA PRAÇA DE TOUROS

achavam um prazer indizível em inventar todos os dias novos impostos.

O povo clamava, mas em vão, contra taes exacções, tanto mais vexatorias e odiosas, quanto é certo que o producto d'ellas, em vez de ser applicado na defesa das colonias e em melhoramentos de reconhecida utilidade publica, como se prometia, era devorado pelas imprudentes prodigalidades do rei e do seu primeiro ministro.

Uma das primeiras medidas do degenerado Miguel de Vasconcellos ao assumir o seu novo cargo, foi agravar mais ainda as contribuições publicas, já então

denotavam que na alma dos verdadeiros portuguezes já existia bem firme a resolução de sacudir para sempre o tyrannico jugo hespanhol.

Mas o implacavel ministro não ouvia os longiquos rumores da tormenta que se approximava.

Cheio de rancôr para com os portuguezes, tendo jurado a perdição da patria que não merecia, não desistiu do malevolito intento. E, querendo evitar a repetição de novos tumultos, mudou de tactica: em vez de exigir a cobrança dos impostos lançados, substituiu-os por uma somma annual de quinhentos mil

cruzados, que as camaras, auxiliadas pelos corregedores das comarcas, deviam derramar e cobrar como melhor entendessem.

N'este sentido foram expedidas ordens para todos os municipios do paiz.

Vejam os acontecimentos que esta medida espoliadora determinou em Barcellos.

Eram vereadores da camara : Belchior de Goes do Rego, Francisco de Abreu Leitão e José Soudo Velloso, e juiz de fóra o dr. João Barreto de Sá; procurador e thesoureiro do concelho, respectivamente Balthazar Moreira e Manoel Dias.

Recebida a ordem para o lançamento e cobrança da nova contribuição, foi, como era natural, mal acceita; e a camara, convencida de que o povo estava exausto, não podendo, por isso, comportar mais sacrificios pecuniarios, resolveu desde logo não lhe dar execução.

O ouvidor da comarca, temendo-se das consequências d'este procedimento, instava por que se cumprisse a vontade de el-rei; mas os vereadores, firmes na sua patriótica resolução, não estavam dispostos a obedecer-lhe. Seguindo-se a esta nova ordem, qual mais terminante, intendeu a camara que o seu protesto mais valor teria se fôsse secundado pelo de todos os habitantes da villa e concelho, e n'este presuposto deliberou consultal-os.

Para isso convocou uma sessão extraordinaria a que deviam assistir a nobreza e povo do concelho; e, reunidos todos nos paços municipaes, no dia 18 de fevereiro de 1636, foi então resolvido representar a el-rei, fazendo-lhe sentir que as condições economicas do povo portuguez eram já tão precarias e afflictivas, que seria deshumano o exigir-se-lhe mais tributos.

E, pelo que especialmente dizia respeito ao municipio de Barcellos, julgavam um acto de boa justiça desobrigal-o d'elles, tanto mais que estava fazendo despesas avultadissimas com a defesa de toda a costa comprehendida na área do seu grande concelho, desde a foz do Lima até á do Ave, tendo mais a seu cargo a sustentação das tropas que havia mandado para o Castello de Villa do Conde.

Enviada para Lisboa a representação, teve a camara, decorridos vinte e sete dias, a resposta seguinte :

«Juiz, vereadores e procuradore da camara de Barcellos: Eu El-Rei vos envio muito saudar. Viu-se a vossa carta de 18 de fevereiro passado em que representaes as razões que se vos offercem para se não averem de executar n'essa villa e seu districto os dous

meios do Real d'agoa e acrescentamento da coarta parte no cabeção das sizas e parece-me dizer-vos que não haa lugar de se deferir a esta materia pello prejuizo que se seguiria á generalidade com que mando executar este negocio de coalquer exceptuação que ouvesse pello que hei por bem e mando que na conformidade de minhas ordens se imponhão n'essa villa e seu districto os dous meios referidos sem repliqua nem dilação alguma para se acudir com o procedido d'elles ao aperto em que está o Brasil e mais conquistas e espero de vossa laadade que concorrereis na execução de minhas ordens com tal disposição que tenha eu que vos agradecer e haja lugar de vos fazer mercê, sendo certo que do contrario receberei desprazer que não deixarei passar sem castigo coalquer contravensão que aja.

Escrita em Lisboa a 14 de março de 1636. Margarida. Para a camara de Barcellos. Por El-Rei.»

(Reg. geral da Cam. de Barcellos, Livro 3.^o (1635-1640).

A negativa expressa e formal de el-rei não intimidou, porém, a camara e povo de Barcellos, antes lhes deu novos alentos para persistirem no seu patriótico mas temerario proposito.

Por vezes veio a esta villa o provedor da comarca de Vianna, Dr. Antão de Faria Palha, que, com razões attendiveis e prudentes conselhos, pretendia convencer a obstinada vereação de que devia acatar sem reluctancia, como bons vassallos, as determinações de sua magestade. Mas debalde. Era tanta a justiça que os barcellenses viam na sua causa tal o odio que nutriam contra o oppressor hespanhol, que não havia razões que os demovessem do proposito em que estavam.

Decorreram assim alguns mezes, até que o governo, vendo que nada poderia conseguir da perseverante opposição dos de Barcellos, e receiando que qualquer procedimento violento contra o concelho servisse apenas para atear as revoltas já manifestadas em algumas provincias do reino, mórmente no Alemtejo, tomou a acertada deliberação de escrever ao duque de Barcellos, solicitando-lhe que aconselhasse os seus subditos a não persistirem por mais tempo na desobediencia.

Effectivamente a 11 de junho recebia a camara a carta seguinte, datada de Villa Viçosa :

«Juiz, vereadores e procuradore do concelho da villa de Barcellos: por uma carta del Rey meu sôr, me constou da resistencia que

Os Mendigos

Trazem os labios tisonados
 Dos ventos frios do inverno,
 Os ossos nus, descarnados,
 Vivem na fome, um inferno!

Vagueiam de rua em rua
 E de caminho em caminho,
 Vão seguindo a sorte crua
 Sem um sorriso, . . . um carinho!

Trazem os filhos dispersos,
 Tremendo, pedindo pão:
 Uns cantando uns tristes versos,
 Outros chorando, . . . assim vão!

D'onde sois vós, pequenitos?
 A vossa patria, onde está?
 Não attende os vossos gritos?
 Nem roupa nem pão vos dá?

Nem ao menos uma Escola
 Vos abre a porta, coitados!
 Ide lá pedir a esmola,
 Entrai lá, desamparados!

Segui sempre, procurai
 A Escola, asylo santo. . .
 Tem mais valor do que um pai
 Que não tem pão, só tem pranto.

Ide á Escola, creanças. . .
 Aprendei, que no estudo
 Encontrais carinhos, esp'ranças,
 A felicidade... tudo!

Não sereis mais pobresinhos,
 Deixareis a vida errante,
 Tereis sorrisos, carinhos,
 No trabalho edificante.

21—2—909.

PLACIDO LAMELLA.

n'esse povo se fizera a se assentarem os dous meios do Real d'agoa, e acrescmentamento das sizes: fazendo-me Sua Magestade tambem mercê de me mandar comonicar o que ácerca d'isto ordenava ao provedor d'essa comarca de que vos envio copia para que vejaes quam fóra de caminho ides no que tomaes e quanto vos pode custar a todos porque aos reis não se resiste: e soo a lugar de os povos com o respeito devido lhes lembrarem suas necessidades a que se acode quando as publicas o permitem e aynda n'esta deligencia para ser de effeito haviam de concorrer muitos outros povos do Reyno, mas vós sóos con outros alguns poucos que ficão não podeis representar cousa de momento, nem ha loguar agora para mais que obedecer, de sorte que se vos agradessa e estime o bom desejo que n'isto tiverdes e a mim me peza muito que n'essa villa ajão chegado as cousas a esse estado e assim vos encomendo que loguo milhoreis o que tendes feito. Villa Viçosa vinte e seis de Maio de seis centos e trinta e seis. O Duque. Ao juiz, vereadores e procurador do concelho de de barcellos.»

(*Beg. geral da Cam de Barcellos*, liv. 3.º, 1635-1640).

Surtiu o desejoso effeito a carta do duque de Barcellos e Bragança.

Lida na primeira sessão dè camara, que se seguiu á sua recepção, pelos vereadores foi então resolvido que, pelo muito respeito que tinham por Sua Ex.^a o senhor duque, e visto não haver loguar agora para mais que obedecer, immediatamente se desse cumprimento ás ordens recebidas. E, de feito, assim se fez. Poucos dias depois, estava em cobrança a referida contribuição, que todo o concelho pagou sem resistencia, embora com grande sacrificio.

Assim terminou o desagradavel conflicto, cujas consequencias podiam ser bem lastimaveis, se a prudente interendencia do duque D. João, a quem os barcelenses muito estimavam, não viesse pôr-lhe termo. Mas nunca este bom povo esqueceu os agravos que do usurpador havia recebido, e em dezembro de 1640 soube desforçar-se condignamente. Barcellos foi uma das terras que primeiro e mais entusiasticamente aclamaram el-rei D. João IV, e nas guerras que a esta data gloriosa se seguiram, mostrou bem quanto valiam a sua coragem e o seu acrisolado patriotismo. Dos serviços então prestados lhe deu el-rei publico testemunho na seguinte honrosa carta, que dirigiu á camara de Barcellos:

«Juiz, vereadores e procurador da camara da villa de Barcellos. Eu El-Rei vos envio muito saudar. D. Gastão Coutinho, meu capitão general dessa provincia me deu conta do amor e fedilidade com que os moradores d'essa villa acodema

meu serviço, do que estou com a devida satisfação e pareceo-me dizer-lo por esta carta para que o tinhaes entendido e o signifiqueis a todos da minha parte e que hei de ter viva lembrança de tão bons vassallos que estimo tanto para folgar de vos fazer favor e mercê em commum e em particular nas occasiões que se offerecerem conforme aos merecimentos de cada um. Rey. Escripta em Lisboa a 4 de Fevereiro de 1641.»

A. FERRAZ.



CHRONICA LIGEIRA

O carnaval?... Como em poucos annos, com relação ao tempo. Não podia ser melhor, nem mais propicio para fazer resplandecer as exhibições, proprias d'esta época de folia.

Faltaram, porém, as exhibições, pois nem vale a pena notal-as, una ou outra manifestação d'entrudo reles, que foi tudo quanto ali surgiu durante os tres dias consagrados ao folgado.

Tudo?... Ah! fraca memoria, que ias perdendo a lembrança d'esse alegre e vistoso rancho de lavradeiras, frescas e lindas, que poz uma nota viva e quente na triste desolação das ruas.

Ah! o rancho das lavradeiras, d'aquellas, cujas mãos delicadas e finas estão denunciando, logo trahem a dama illustre no ruidoso *travesti* do traje vermelho de Areosa... como elle era lindo!

E que effeito deslumbante e estonteador produziu na Assembleia, onde estive, no domingo e terça, effectuando bailados minhotos!...

E a sua animação e graciosidade de vivez! Ai! o rancho, o rancho das lavradeiras!...

Estive na recita de terça-feira no Gil Vicente, dando um aspecto garrido aos camarotes por onde se distribuiu.

Que no Gil Vicente é que foi brincar! Houve alli duas recitas, no domingo e terça, em beneficio dos bombeiros, por amadores, que souberam dar bom relevo ás comedias *D. Beltrão de Figueirôa* e *Entre a flauta e a viola*. Recitou, primorosamente, Francisco Caravana e tirou grande partido da cançoneta *Pão Fresco*, Adolpho Garcia.

Duas noites cheias, ferindo-se nos intervallos verdadeiras batalhas. As serpentinas crusavam-se de modo a formarem entranchados formosissimos e granadas, de tudo quanto a industria sabe engendrar para taes recontros, explodiam por todos os lados.

Por fim, é claro, as senhoras sempre triumphantes, indo ostentar os seus loiros, mas sem *calembour* nas duas *soirées* que se realisaram na assembleia em toda a noite de segunda, desde as 9 e no resto da noite de terça, desde o fim do espectáculo.

Dançou-se animadamente, com *entrain* como é de costume dizer-se em prosa onde se abusa do francesismo, mas que se tem por elegante, esfusiando tambem o espirito á volta do mais pequeno incidente de conversa.

Do rancho das lavradeiras, na terça-feira, só lá estive uma, das mais gentis, sem duvida, mas fatigada de combater no theatro e como que saudosa do seu lindo rancho. Cedo fugiu, como rapidos decorreram os momentos felizes do carnaval, que a dentro de portas foi dos mais alegres que aqui se tem passado.



Pela instrucção

A FESTA DA ARVORE

HA tempos, fundou-se n'esta villa a *Liga Barcellense d'Instrucção e Educação*. A iniciativa da fundação d'este patriótico gremio — tão patriótico como benemerito — foi do illustre barcellense e distincto official d'artilheria 5, sr. Fernando Cardoso d'Albuquerque que, para realisar a sua nobilissima ideia, encontrou entusiasticos amigos, illustres patricios nossos, os srs. drs. Martins Lima, Augusto Monteiro e Joaquim Paes, Tenente Baccellar, Delfino Esteves, Antonio d'Azevedo, Albino Leite e outros. E não lhes foi difficil proseguir, porque em cada barcellense encontraram um protector da *Liga* e em cada amigo um auxiliar dedicado na obra encetada.

Todos se empenharam no honroso trabalho de semear a instrucção para anniquillar o analfabetismo; e, qual não será o seu regosijo — o regosijo de nós todos porque somos barcellenses e queremos o resurgimento da Patria, resurgimento que só poderá ser um facto quando todos os cerebros se achem illuminados com a luz da instrucção e da educação civica — ao ver que o trabalho fertilisou, ao ver que a semente ha pouco tempo lançada já dá fructo e ao ver que a *Liga Barcellense d'Instrucção e Educação* conseguiu, n'um curtissimo espaço de tempo, incutir em quasi todos os espiritos o amor pela instrucção, como evidentemente se tem provado: na ultima festa escolar, na concorrência á aula nocturna

subsidiada pela *Liga* e n'essa esplendorosa *Festa da Arvore*, a primeira que se fez em Barcellos e cuja realisação se deve á *Liga*.

Isto, são manifestações animadoras de que o povo quer instruir-se, porque quer ser util á familia e á Patria.

*

A *Liga* semeou e o fructo já apparece viçoso.

Do brilhantismo da *Festa da Arvore*, já disse a imprensa local. Por isso, nada precisamos dizer.

As glorias da festa cabem, como todos sabem, á benemerita *Liga Barcellense*, que tanto se empenha pela instrucção do povo e em crear, nas creanças, o gosto

AGRICULTURA

A vinha no Minho

○ Minho pela grande riqueza das suas terras, e especialmente pelas condições climatericas de que é dotado, apresenta-se-nos uma região viticola por excellencia, que é especialmente distincta de todo o resto do paiz.

E' certamente no Minho, onde a cultura da vinha é menos dispendiosa, pois que em espaços bastante restrictos, se obtêm producções assaz elevadas; de-



Festa da Arvore — PLANTAÇÃO D'UMA ARVORE

pelo estudo. O aspecto geral do cortejo, da plantação das arvores e da sessão solenne realisada na Praça de Touros, foi o que se chama encantador. Os oradores - srs. Major Simas Machado, dr. Martins Lima, Cesar de Lima, D. Laura Miranda, dr. Joaquim Paes, Antonio d'Azevedo e dr. Augusto Monteiro — fallaram eloquentemente, demonstrando, todos com grande calor, o valor da *Festa da Arvore*, o que vale a instrucção e a iniciativa das *Ligas* que se estão espalhando, entusiasticamente, pelo paiz fóra. Alguns alumnos das escolas recitaram bonitas poesias.

vido ao extraordinario vigor e pujança, com que a vide ali se desenvolve.

Citam-se casos de um só pé de videira, dar producções pouco inferiores a uma pipa de vinho.

Se analysarmos bem, vemos que a vinha no geral é muito mal tratada, não só se não estruma convenientemente, como se não póda em termos; nem se fazem os tratados preventivos das diversas doenças, em tempo oportuno.

Como é intensão minha, dar n'uns traços geraes a minha humilde opinião, sobre os diversos systemas de cultura e culturas especiaes d'esta região, analy-

sando os defeitos e procurando elucidar os interessados, sobre a sua adaptação a uma cultura racional, começarei pela cultura primordial, com que encetei este artigo.

Seria muito para desejar e de todo o ponto indispensavel, que o agricultor antes de fazer as suas plantações, conhecesse bem as videiras que vae empregar na plantação; não só sobre o ponto de vista da sua adaptação á terra, e mais condições de vegetação, como ainda muito especialmente, o estudo completo das suas propriedades vinícolas.

Deve procurar-se seleccionar as castas, de harmonia a obtêr um producto conhecido, um typo de vinho mais ou menos fixo e genuinamente *verde*.

Banir-se-hão quasi por completo, os vinhos que sejam produzidos só por uma casta; porque não ha nenhuma casta, que só por si, possa dar um producto em absoluto.

O vinho verde é sem duvida, de todos os vinhos aquelle a que está reservado o mais brilhante futuro, mas é preciso que os governos e os agricultores trabalhem; os primeiros, creando e facilitando rigorosa e methodicamente os grandes centros de consumo; os segundos tractando de fabricar um producto agradável, duma riqueza alcoolica regular e observando todos os preceitos concernentes ao bom fabrico.

Depois de conhecidas as propriedades vinícolas principaes de cada casta, deveria ainda procedêr-se a experiencias, na localidade em que se desejar fazêr a plantação; tractando de adquirir uvas de castas precisamente escolhidas, que, estejam em condições de exposição aproximada do local da plantação.

Só depois dum estudo rigoroso dos vinhos resultantez, a que se attenderá nã só á qualidade, como á quantidade, se poderá decidir em perfeito conhecimento de causa quaes as que lhe convem plantar e até mesmo o numero de pés de videiras a plantar de cada variedade.

L. MARÇAL.

“Barcellos-Revista,,

A todos os illustres cavalheiros que nos mandaram e prometteram collaboração para a nossa *Revista*, aqui testemunhamos o nosso agradecimento.

—As emprezas editoras que se dignarem enviar-nos um exemplar das suas publicações, teem direito a uma referencia na secção especial de publicações recebidas e a um reclame da obra que nos enviarem, o qual será publicado no numero seguinte áquelle em que accusarmos a recepção da publicação que nos fôr remettida.

PARA MATUTAR

Novissimas

- N.º 1 Esta preposição no homem, está no homem—2—2. CAJU.
 N.º 2 Em Roma esta ave, dá outra ave—2—2. J...
 N.º 3 E' grande e não vê, esta ave-1-2. LOVELOS.

Reduzidas

- N.º 4 No homem—3 —be— No campo—2 J...
 N.º 5 Este livro—3 —der— Tubo—2 J...
 N.º 6 Procure—2 —lo— Debito—3 MINIMO.

Addicionadas

- N.º 7 Saúdo—2 —que— Entretimento—3 13 J...
 N.º 8 (Por letra)

- 1.^a + ogo —Bisca
 2.^a + ro —Reso
 3.^a + rdil —Manha
 4.^a + dor —Cheiro
 5.^a + adiva —Offerta
 6.^a + ther —Fluido
 7.^a + ilvo —Apito
 8.^a + pala —Pedra preciosa
 9.^a + rso —Animal
 10.^a + ousa —Appellido
 11.^a + fago —Mimo JUCA.

Typographicos

- N.º 9 K FRAGA JUCA.
 N.º 10 X insecto nota JUCA.
 N.º 11 U 1.º A esrega Q 100 k JUCA.
 N.º 12 D O amphibio pronome nota? JUCA.